

---

---

## **ESCOLA, EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS.**

---

---

### **SCHOOL, PHYSICAL EDUCATION AND SPORT: PEDAGOGIC POSSIBILITIES**

---

---

**André Luís Ruggiero Barroso  
Suraya Cristina Darido**

Universidade Estadual Paulista - Instituto  
de Biociências  
Departamento de Educação Física - Rio  
Claro – SP / Brasil



[al.barroso@uol.com.br](mailto:al.barroso@uol.com.br)

(Brasil)

---

#### **Resumo**

O esporte é tratado por vários autores como um fenômeno sócio-cultural, estando em grande evidência em nossa sociedade. Através da televisão, jornais escritos, rádio, clubes, academias, praças públicas, etc, estamos constantemente nos defrontando com ele, podendo considerá-lo como um patrimônio da humanidade. O esporte apresenta várias possibilidades de manifestação, sendo que para este estudo, estaremos direcionando o nosso olhar para a utilização do esporte na escola. Temos o objetivo de refletir sobre o esporte nas aulas de Educação Física escolar, analisando historicamente a sua inserção, bem como a forma de aplicação no ambiente formal de ensino. Faremos uso da técnica da pesquisa bibliográfica, procurando discutir a importância de uma Educação direcionada para a cidadania e sinalizando para a necessidade de uma Educação Física escolar voltada para a possibilidade de todos terem acesso ao conteúdo esporte, sem restrições de condições físicas ou níveis de habilidades motoras, respeitando as diferenças entre os alunos. Elegendo a cultura corporal de movimento como referência para a Educação Física escolar, procuramos garantir o acesso a essa cultura, propiciando ao aluno condições de conhecê-la, reproduzi-la, reconstruí-la e transformá-la.

#### **Abstract**

Sport is dealt with by several authors as a socio-cultural phenomenon of great relevance in our society. On television, in the press, on the radio, at clubs, academies and public spaces, etc., we are in constant contact with sport. Sport may therefore be seen as part of mankind's heritage. Sport offers a number of different possibilities of expression: for the purposes of this paper, we will focus the use of sport in the school setting. Our purpose here is to consider sport as part of the Physical Education classes, reviewing its historical insertion as well as the forms whereby it can be applied within the formal school environment. We will review the relevant literature, and discuss the importance of an education that aims at the development of citizenship, signaling the need for a Physical Education within the school setting which enables all to have access to sport contents, without imposing restrictions based on physical conditions or motor skills, and respecting the differences among the pupils. By adopting bodily movement culture as a reference of Physical Education in the school setting, one may attempt to ensure access to this culture, offering pupils the possibility of becoming acquainted with it, of reproducing, reconstructing and transforming it.

---

**Palavras Chaves:** cidadania, educação física escolar, esporte.

**Keywords:** citizenship, physical education in the school setting, sport.

## Introdução

O esporte é tratado por vários autores como um fenômeno sócio-cultural, sendo considerado um patrimônio da humanidade. Historicamente foram criadas diversas modalidades esportivas, que sofreram modificações até atingirmos o momento atual. Dos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna em 1896 ao último realizado em 2004, algumas modalidades deixaram de fazer parte do programa olímpico e em contrapartida, um grande número foi acrescentado, mostrando a capacidade de fortalecimento e expansão deste fenômeno.

Podemos constatar que o esporte está presente no nosso dia a dia, entramos em contato com ele através da transmissão de jogos pela televisão, programas esportivos, jornais escritos, rádio, ou mesmo por nos defrontarmos com praças esportivas e clubes, onde existe um grande número de pessoas vivenciando práticas de diferentes modalidades.

Ao analisarmos o surgimento dos esportes modernos, Korsakas (2002) afirma que a sua origem se deu no século XIX, acompanhando o desenvolvimento da sociedade capitalista. A autora observa que vários tipos de jogos sofreram alterações até chegarem ao esporte espetáculo, transformando-se em um produto de consumo para sociedade. A sua evolução acompanha os avanços tecnológicos, surgindo cada vez mais novidades, como vestimentas e materiais esportivos, sempre com o objetivo de torná-lo mais atraente para o consumo, seja através de ingressos de estádios e ginásios, assinatura de canais de televisão, venda de marcas esportiva que patrocinam atletas de alto nível de competição, entre outros.

Porém, cabe a nós entendermos que o esporte direcionado para o profissionalismo é apenas uma das possibilidades do esporte. Paes (2002), por exemplo, sinaliza para além do esporte profissional, como o esporte dentro do ambiente escolar, o esporte como componente do lazer, o esporte adaptado para pessoas portadoras de necessidades especiais. Tubino (2002), explica o esporte a partir de três manifestações: esporte-educação, que tem como meta o caráter formativo; esporte-participação, na qual sua finalidade é o bem estar e participação do praticante; esporte-performance, objetivando o rendimento dentro de uma obediência rígida às regras e aos códigos existentes para cada modalidade esportiva.

É com enfoque da utilização do esporte no ambiente formal de ensino, ou seja, a escola, como se referem Paes (2002) e Tubino (2002) que temos o intuito de direcionar os nossos estudos, pois se o esporte está presente na vida dos indivíduos, nada mais significativo ele estar inserido na escola, mais especificamente na disciplina Educação Física. Assim, a sua presença na escola tem como objetivo a formação do cidadão para atuação direta na sociedade em que pertence.

Crum (1993) ajuda-nos a reforçar a idéia da necessidade de oferecimento do esporte na escola, pois segundo o autor, o esporte está presente em clubes, escolas especializadas em esporte, etc., porém não é toda a camada da população que é atingida, e, além disso, apesar destas instituições também poderem atuar educacionalmente, os objetivos principais não são os mesmos do ambiente escolar. Para o autor:

..., partindo do princípio de que é desejável que *todos* os jovens tenham oportunidades iguais para se familiarizarem com uma série de aspectos da cultura motora no seio da qual crescem, parece óbvio que a escola tem de desempenhar um papel central no processo de socialização do movimento (CRUM, 1993, p.143).

Acreditamos que o esporte deva estar presente na Educação Física escolar, pois este fenômeno está culturalmente enraizado em nossa sociedade, portanto, necessita de uma atenção especial para que possamos oferecer aos alunos condições de entendê-lo e refletir sobre suas variadas possibilidades, pois da mesma forma que os acontecimentos da sociedade exercem influência na escola, reciprocamente a escola também possui a propriedade de intervir nesta sociedade.

Temos o objetivo de refletir sobre o esporte nas aulas de Educação Física escolar, analisando historicamente a forma de sua utilização no ambiente formal de ensino, procurando sinalizar para uma educação que faça uso desse conteúdo como um forte instrumento para formação dos alunos.

Abordaremos através da literatura, a entrada do esporte na Educação Física escolar, bem como os métodos que foram utilizados para desenvolver este conteúdo desde a inserção até o período atual; procuraremos trabalhar a possibilidade de uma educação voltada para a cidadania, levantando sugestões sobre o papel da Educação Física para atingirmos tal objetivo. Direcionaremos a discussão para a importância de ter o esporte como um dos conteúdos das aulas de Educação Física, procurando oferecer um tratamento pedagógico mais apropriado para uma formação cidadã.

### **Método**

Conforme Marconi e Lakatos (2003), faremos uso da técnica da pesquisa bibliográfica, utilizando as fontes bibliográficas do tipo de publicações, encontradas em livros, artigos, publicações avulsas, etc.

### **O Esporte no Contexto Escolar**

O esporte sempre esteve fortemente presente na sociedade brasileira, porém não foi inserido imediatamente como conteúdo das aulas de Educação Física escolar. Conforme Bracht (1999), a Educação Física no interior da escola teve sua origem baseada no referencial médico, tendo como objetivo a educação do corpo para a busca da saúde, possibilitando um corpo forte e higiênico. Posteriormente a Educação Física sofreu forte influência militar, com o intuito de preparar os “corpos”, para possíveis enfrentamentos militares, inserindo nas pessoas um ideal de nacionalismo e patriotismo. Tanto no padrão higienista como no militarista, a referência era pautada nos referenciais biológicos, tendo como principal objetivo o fortalecimento do corpo, e o conteúdo das aulas de Educação Física baseava-se na ginástica, de acordo com os modelos existentes nos países europeus (DARIDO, 2003).

Após a segunda grande guerra mundial, coincidindo com o momento histórico do término do governo ditatorial no país, intitulado como Estado Novo no Brasil, conforme Coletivo de Autores (1992), originaram-se novas tendências para desenvolvimento do sistema educativo, com isso o esporte passa a ser um forte integrante da Educação Física escolar. Auguste Listello, grande defensor do esporte, auxiliou na implementação do chamado “Método da Educação Física Desportiva Generalizada”, tendo também como referência a cultura européia.

Segundo Darido (2003), com a ascensão dos militares no governo brasileiro, a partir de 1964, o esporte é fortalecido nas aulas de Educação Física escolar, tendo como meta à busca de resultados em competições internacionais. Trata-se de um período no qual a ideologia do governo estava pautada em um país que vislumbrava ser uma potência de nação, sendo importante neste momento, fomentar um ambiente de desenvolvimento e ao mesmo tempo “mascarar” os problemas internos.

O esporte nesse período passou a ser tratado basicamente como sinônimo da Educação Física escolar, os objetivos estavam claramente direcionados para a aptidão física e a detecção de talentos esportivos. Conforme Betti (1991), neste período ocorre uma mudança do Método Desportivo Generalizado para Método Esportivo. Na verdade este não era e não é propriamente um método, mas uma série de procedimentos no sentido de atingir os objetivos decorrentes da concepção de esporte adotada (BETTI, 1991, p.154).

Desta forma, o esporte nas aulas de Educação Física, que tinha a característica de ser um conteúdo também informal, com possibilidades de alterações nas regras, apresentando aspectos cooperativos além dos competitivos e oferecendo situações de resolução de problemas por parte dos alunos, passa a ter uma grande rigidez na sua formalidade, com regras normatizadas, controle exclusivo do professor para resolução de problemas e direcionando-se para a necessidade da competição, portanto passando a apresentar claramente como principal meta o rendimento.

A mudança de conteúdo da Educação Física, de ginástica para esporte, não alterou a essência da disciplina, pois os princípios eram os mesmos e o núcleo central era a intervenção no corpo (máquina) com vistas ao seu melhor funcionamento orgânico (BRACHT, 1999, p.76). Com isso o conhecimento da Educação Física continuava sendo balizado pelas ciências biológicas, mantendo as características das aulas como uma simples reprodução de movimentos, sem ter uma maior reflexão de sua prática.

Em Coletivo de Autores (1992), também é levantada a crítica à maneira pela qual foi utilizado o esporte na Educação Física escolar, destacando-se que essa influência do esporte no sistema escolar é de tal magnitude que temos, então, não o esporte da escola, mas sim o esporte na escola (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.07). Ao fazer esta troca de preposições, os autores questionam a forma que é trabalhado o esporte nas aulas, pois o que acontece é a imersão das regras e normas do esporte realizado em ambientes competitivos na Educação Física escolar, ficando caracterizado os princípios de rendimento, identificação de talentos, comparação de resultados, etc. Nela o professor deixa de ter a sua função originária para ser um treinador e os alunos passam a ser os seus atletas, fato que no ambiente escolar deve ser amplamente redimensionado. Quando é defendida a idéia do “esporte da escola”, destaca-se a importância de dar um outro tratamento ao esporte, pois este deixará de ser trabalhado para um fim, e começa a ser visualizado como um meio para formação dos alunos, não havendo mais sentido embutir nas aulas a padronização esportiva (códigos, regulamentos) presente nas competições.

Kunz (1994) é mais um que reforça a crítica da utilização do esporte com características de rendimento no contexto escolar, para o autor, utilizando o esporte desta forma, temos como conseqüência um pequeno grupo de alunos que vivenciarão o sucesso e uma grande maioria que se confrontará com o fracasso, fator que remete o professor a um grande equívoco pedagógico. O autor defende o conteúdo esporte na Educação Física escolar, pois ele é uma das manifestações mais recorrentes nas diferentes culturas, porém sinaliza para a necessidade de uma transformação-didático-pedagógica do esporte, inclusive este é o título de seu livro.

Evidencia-se que o esporte é um forte integrante cultural de nossa sociedade, e a partir do momento que foi inserido na escola, sempre teve grande influência na Educação Física escolar, inclusive sendo inúmeras vezes praticamente o único conteúdo ministrado nesta disciplina. Não compartilhamos da idéia de que o esporte contemple todas as necessidades da Educação Física escolar, como também discordamos dele ser trabalhado com o objetivo nele mesmo. Em nosso entendimento o esporte deve sim estar presente na escola, essencialmente na disciplina de Educação Física, pois é um conhecimento próprio desta área, porém devemos fazer dele um meio para formação dos alunos, formação esta que deve ter como eixo norteador uma pedagogia para a cidadania.

## Escola e Cidadania

Ao vislumbrar uma pedagogia que tenha como referência o indivíduo e o trate como cidadão, abordamos dois fatores fundamentais: a instituição escola atuando na sua formação, e a discussão do próprio conceito de cidadania, buscando sinalizações de como ela se apresenta dentro de uma sociedade capitalista como a do nosso país.

Ao tratarmos inicialmente da escola, temos que evidenciar que esta instituição apresenta-se como importante referência para educação dos alunos, porém não cabe a ela a exclusividade desse objetivo, pois esses alunos estarão inseridos em outros locais que também interferirão na construção desta formação.

Recorrendo a Althusser (1978), vemos que a escola é um dos integrantes do aparelho do Estado; Estado esse que tem sob sua responsabilidade os chamados aparelhos ideológicos. O autor divide os aparelhos ideológicos em dois grupos, um é denominado de aparelho repressor, aqueles que se impõem fundamentalmente pela força, como exército, polícia, e o outro é o aparelho ideológico do estado, funcionando diretamente pela ideologia, referindo-se à escola, igreja, família, etc. Porém, é destacado que apesar do aparelho repressor atuar pelas leis, indiretamente há um funcionamento secundário da ideologia defendida pelos governantes. De forma inversa, os aparelhos ideológicos do estado apresentam essencialmente o referencial ideológico, mas indiretamente atuam de maneira repressora, estipulando normas e diretrizes a serem seguidas. Com isso, o autor deixa claro que não há aparelho puramente ideológico ou repressor, eles funcionam sempre como uma mistura, essencialmente para atingir os objetivos do Estado.

Para o nosso estudo, iremos nos concentrar em um dos aparelhos ideológicos do estado específico, a escola, local onde todos deveriam ter direito ao acesso, independente dos níveis sociais, ou seja, as classes mais baixas teriam que ter a mesma possibilidade de freqüentar a escola, do que a classe alta, inclusive sem haver desníveis de qualidade.

Ao tratar da escola, defrontamo-nos com algumas questões relevantes, entre elas: Qual seria o seu papel? O que ela deveria ensinar? Segundo Touraine (1998) com o grande avanço industrial, oriundo do século XIX, a escola não teve uma preocupação com a educação do aluno, mas sim em prepará-lo para o mercado de trabalho, no qual o principal objetivo é a instrução profissional para se atender as necessidades sociais. Com esse propósito, a educação não é dirigida ao indivíduo, mas sim à sociedade, preservando os interesses da classe dominante, pois desta forma, os cidadãos estarão preparados para atuar em uma sociedade industrial, que se apresenta em grande desenvolvimento.

A evolução industrial oriunda essencialmente dos países europeus fortaleceu-se no Brasil a partir da década de 60 do século XX com a abertura do país para entrada de empresas multinacionais, surgindo à formação de indivíduos com mão de obra especializada para preencher as necessidades do mercado de trabalho. Com isso, inicia-se um novo modelo educacional em nosso país que Libâneo (1985) denomina de Tendência Liberal Tecnicista. Nela a ciência é tratada com total objetividade, eliminando-se a subjetividade, o professor exercendo o papel de transmissor de conteúdos, restando ao aluno a função de mero espectador, tendo o objetivo de aquisição de habilidades, atitudes e conhecimentos específicos para utilização na “máquina” do sistema social (LIBÂNEO 1985, p.28).

Ao identificar o objetivo da escola nesta perspectiva industrial o autor retrata que seu interesse imediato é o de produzir indivíduos “competentes” para o mercado de trabalho, transmitindo, eficientemente, informações precisas, objetivas e rápidas (LIBÂNEO, 1985, p.29).



O autor ainda ressalta que dentro deste sistema social, onde prevalecem os interesses da classe burguesa, a escola apresenta um papel de modelar o comportamento humano, levando-nos a observar a direção da escola como formadora de indivíduos que propicia a manutenção da relação de patrão/funcionário, empregador/empregado e dominador/dominado.

Torna-se importante destacar que não somos contra a existência dessas relações, mas sim a forma que elas se apresentam. A classe dominante impõe as normas e cabe à classe dominada apenas acatá-las. O que se critica é a maneira como a escola funciona para reafirmação desta postura, o que no nosso modo de entender, ela deveria proporcionar uma formação voltada à chamada classe dominada, de tal modo que ela pudesse ter condições de se colocar no mesmo nível de discussões da classe dominante.

Touraine (1998) defende a idéia de uma transformação da escola, onde ela não deva ter a função exclusiva de instruir, mas muito mais do que isso, ela deveria se preocupar com o ato de educar, almejando-se a formação da personalidade individual. A escola não deve ser feita para a sociedade; ela não deve se atribuir como missão principal formar cidadãos ou trabalhadores, mas acima de tudo aumentar a capacidade dos indivíduos para serem sujeitos” (TOURAINÉ, 1998, p.327).

Touraine (1998) com isso propõe a passagem de uma escola da sociedade, para a escola do sujeito, onde não haverá o intuito exclusivo de socialização do aluno, preparando-o para uma sociedade hierarquizada, mas sim, para uma educação que terá como foco principal o indivíduo. Para tanto, a escola passa a ser também a escola da comunicação, tornando-se imprescindível um maior grau de relacionamento entre alunos, professores, alunos-professores, alunos-professores-demais funcionários da instituição, buscando uma melhora nas relações afetivas. Para o autor, a escola da comunicação não se caracteriza pela simples transmissão das mensagens como na escola da sociedade, mas sim na possibilidade de haver uma proximidade entre os seus integrantes, favorecendo trocas de conhecimentos e experiências, fato que só ocorrerá com uma proposta educacional que propicie o inter-relacionamento.

Valorizando a importância da escola do sujeito e da necessidade de um maior contato com a diversidade cultural, possibilitando o crescimento do aluno através das diferenças e essencialmente ao respeito por essas diferenças, o autor atinge a idéia de escola democratizante, segundo suas palavras:

Uma escola que assume por missão consolidar a capacidade e a vontade dos indivíduos de serem atores e ensinar a cada um a reconhecer no outro a mesma liberdade que em si mesmo, o mesmo direito à individualização e à defesa de interesses sociais e valores culturais, é uma escola de democracia,... (TOURAINÉ 1998, p.339).

Acreditamos que a chamada escola democrática, antes de tudo, irá respeitar a individualidade de cada sujeito e propiciará uma educação com maior abrangência e qualidade. Concordamos com o autor que a escola não deva direcionar os seus objetivos apenas para a preparação ao mercado de trabalho e conseqüentemente inserção do indivíduo em uma sociedade hierarquizada. Cabe à escola uma função muito mais humanizadora, tendo portanto, como ponto central o Ser Humano.

Palma Filho (1998), ao tratar de cidadania, chama-nos a atenção pelo fato de não haver um conceito universal, pois este conceito sofreu mudanças durante o percorrer da história, bem como é analisado de diferentes maneiras nas diversas sociedades político-econômicas que existem no mundo. O autor recorre a outros autores para tratar do tema, por exemplo em Aristóteles cidadania implicava a possibilidade concreta do exercício da

atividade política, ou seja, ser cidadão significava poder governar e ser governado (PALMA FILHO, 1998, p.108).

Palma Filho (1998) também cita Arendt (1987), ao definir cidadania como o direito a ter direitos, considerando como primeiro direito humano fundamental, do qual todos os demais derivam-se (p.108). Para o autor, esta definição apresenta-se de forma abrangente, destacando que o indivíduo não nasce sendo cidadão, pois a cidadania tem que ser conquistada, não se caracterizando pela natureza individual, mas sim pelo aspecto social.

Acreditamos que a cidadania não está simplesmente relacionada ao ato político, como se estivesse reduzida unicamente ao voto; entendemos que apesar dela significar que o cidadão tem direitos, o indivíduo tem que ter possibilidades de acesso a esses direitos, pois para que ela seja conquistada, existe a necessidade de um constante exercício de cidadania, buscando-se igualdade de condições e possibilidades em todas as camadas sociais.

Palma Filho (1998), ainda refere-se a Marshall que procura relatar os diferentes significados de cidadania durante determinados períodos históricos. No século XVIII a cidadania estava direcionada para o ser humano individual, desprezando aspectos como o relacionamento social e o desenvolvimento histórico do homem, possibilitando os direitos civis, como liberdade de pensamento, liberdade de imprensa, direito à propriedade, entre outros, porém estando embutido o domínio da classe burguesa. A partir dos séculos XIX e XX, especificamente na Europa, a cidadania passa a receber um cunho político, civis começam a ter a possibilidade de exercer poder político, tanto para eleger seus representantes, como para compor determinados governos.

Ao entrar nos anos 30 do século passado, origina-se o pensamento de uma cidadania social, na qual a classe trabalhadora se organiza para lutar pelos direitos sociais. Palma Filho (1998) faz uma comparação com o Brasil, pois neste momento estávamos vivenciando o chamado "Estado Novo", período em que há o reconhecimento de determinados direitos sociais, principalmente por estarmos passando pela fase do Estado do Bem-Estar Social, que se tratou de uma política européia pós-guerra, tendo desdobramentos em alguns países subdesenvolvidos como o Brasil; porém ao mesmo tempo negam-se certos direitos individuais e políticos. Ao retornarmos à referência que o autor faz a Marshall, temos o atual momento da cidadania, relacionada diretamente com o direito à educação, sendo este direito a referência para relação da cidadania como conteúdo social. Para o autor atualmente no governo brasileiro, a cidadania está diretamente relacionada com o respeito aos direitos humanos, pois é a observância dos direitos humanos em seus diferentes níveis, a saber: civil, político, econômico, social e coletivo, que assegurará o exercício pleno da cidadania (PALMA FILHO, 1998, p.111).

Apesar de, no primeiro momento, tratarmos isoladamente da escola e da cidadania, procurando propiciar uma melhor conceituação e caracterização de ambos, percebemos que não há na prática como dissociá-los, pois concordamos quando o autor afirma que a educação no ambiente escolar estará sempre a serviço de um determinado tipo de cidadania (PALMA FILHO, 1998, p.102). A escola participa ativamente da educação para a cidadania, nunca se apresentando de uma forma neutra, mas torna-se necessário questionarmos para qual cidadania a escola educa. O autor destaca que quando a escola define o seu planejamento educacional e curricular, ela opta por determinado projeto educacional, que estará diretamente relacionado à construção da cidadania. Podemos analisar que a educação estará a dispor dos interesses governamentais, com isso estabelecerá direcionamentos específicos para a questão da cidadania.

No Brasil passamos por fases governamentais que claramente não tinham o objetivo de formar indivíduos questionadores, críticos, reflexivos, pois poderia acarretar um certo

incômodo para a ordem política vigente. Podemos citar a era do governo militar, entre 1964 e 1984, onde tínhamos no currículo escolar, disciplinas como “Moral e Cívica”, “Organização Social e Política do Brasil”, com o objetivo voltado para sentimentos de nacionalismo e patriotismo, ou seja, a cidadania era caracterizada pela necessidade de “amor à pátria”, sem haver nas disciplinas o objetivo do questionamento e da reflexão. Não somos contra a possibilidade de termos afinidade com o nosso país, pelo contrário, mas o que questionamos é a inexistência de um olhar crítico para os problemas da realidade, sem possibilitar o crescimento do indivíduo para uma atuação que defenda os seus direitos na sociedade.

Para uma formação cidadã, torna-se imprescindível à busca pela igualdade entre os indivíduos; não se trata de olharmos para as pessoas como se todas fossem iguais, pelo contrário, somos todos diferentes e únicos, e é justamente este respeito à individualidade que nos faz cidadãos, como também não se busca uma igualdade econômica, que obviamente, dentro de um sistema capitalista no qual vivemos, não há possibilidade de ocorrência. Porém o que estamos defendendo, é uma igualdade nos direitos de todos os cidadãos, igualdade esta que deveria estar presente, por exemplo, em assuntos relacionados à lei, nos programas de saúde pública, sem sucateamento ou necessidade de planos médicos particulares, na possibilidade de todos terem acesso ao sistema de educação formal, sem diferença de qualidade entre a escola pública e a privada, entre outros.

Ao direcionarmos o nosso olhar para o papel da escola, temos que aspirar uma organização, em todos os seus setores, desde a direção e orientação, passando determinantemente pelo corpo docente, e chegando até aos demais funcionários, como monitores, merendeiras, serventes, zeladores, etc., que realmente estejam preocupados com o tratamento do aluno como cidadão. Portanto, há necessidade de um planejamento político pedagógico que leve a esta direção, tendo cada disciplina do programa curricular que cumprir a sua função, individualmente e em coesão com as demais disciplinas. Procuraremos focalizar o papel da Educação Física Escolar, como esta disciplina poderá contribuir para atingirmos os objetivos propostos.

### **Cidadania e Educação Física Escolar**

Ao tratarmos da Educação Física, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio, começamos a refletir como ela pode ser desenvolvida, tendo como principal direcionamento à busca de uma formação cidadã dos alunos. Analisando os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), documento desenvolvido pelo Ministério da Educação, que procura oferecer subsídios teóricos para orientação do profissional em todas as disciplinas do ambiente escolar temos a Educação Física com a função de oferecer a todos o acesso à cultura corporal de movimento. O homem sempre criou, reproduziu, reconstruiu e transformou a sua cultura, portanto torna-se significativo à interação do aluno com esse conhecimento. Desde os primatas, por exemplo, desenvolveram-se formas de comunicação, através da escrita, da fala, e da própria expressão corporal para atingirmos o atual momento em nosso período. Destacamos que a cultura de forma alguma é homogênea nos diversos povos, pelo contrário, vemos características próprias de determinados grupos, variando os costumes e hábitos, como alimentação, música, vestimenta, rituais, etc. Quando os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), específicos da Educação Física escolar do Ensino Fundamental II, trata como direito do aluno o conhecimento e aprendizagem da cultura corporal de movimento, ele ressalta a existência de uma construção histórica do corpo utilizando-se de movimentos, que como tudo na cultura, passou e passa constantemente pelo processo de reprodução e reconstrução.

Não podemos deixar de termos claro, que quando o homem produz cultura, obviamente o corpo está totalmente inserido neste processo, independente do



conhecimento que ele está transformando, ou seja, nas diversas construções culturais feitas pelo homem, jamais podemos excluir a utilização do corpo, pois ele faz parte de qualquer aprendizagem. O que queremos evidenciar, quando chamamos de cultura corporal de movimentos, são recortes desta cultura humana, que apresenta características específicas relacionadas ao corpo-movimento. Temos um vasto repertório de movimentos acumulados historicamente durante todo processo de desenvolvimento da espécie humana, e é justamente isto que os Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Física procuram estabelecer como direito aos alunos, a possibilidade de aprendizagem deste conteúdo.

O documento identifica como sendo seu eixo fundamental, para a concepção e ação pedagógica da Educação Física escolar, o princípio da inclusão (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p.30). Ao tratar da inclusão, evidencia-se que esta não se refere apenas aos alunos portadores de necessidades especiais, ou aos que apresentam determinados problemas neurológicos, mas sim, a preocupação de todos estarem realmente inseridos no processo de ensino e aprendizagem. Pois não podemos repetir o que em alguns momentos foi característico da Educação Física escolar, no qual eram privilegiados com a participação, os alunos que apresentavam melhores habilidades para determinadas tarefas motoras. Estamos falando da real participação de todos, desde os considerados mais habilidosos, passando pelos menos habilidosos, os gordinhos, magrinhos, altos, baixos, respeitando e tendo claro que todos são diferentes, pois cada um possui a sua individualidade.

O documento também aponta para uma perspectiva metodológica de ensino e aprendizagem que busca o desenvolvimento da autonomia, a cooperação, a participação social e a afirmação de valores e princípios democráticos (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p.30). Dentro desta perspectiva, não podemos ter mais a Educação Física na escola como uma disciplina que apenas se direcione para a execução de movimentos, como aconteceu na chamada fase esportivista, onde praticamente a disciplina era sinônimo de esporte, e este conteúdo refletia-se como reprodutor do considerado esporte de rendimento, ficando os alunos limitados ao aprender a realizar gestos técnicos específicos das modalidades esportivas selecionadas pelo professor.

Não estamos sinalizando para a retirada do esporte como conteúdo das aulas de Educação Física, mas defendendo um novo tratamento para este esporte, possibilitando que os alunos compreendam as suas origens, evoluções, possibilidades de utilização, porém para que isto aconteça, torna-se necessário à possibilidade de reflexão deste fenômeno, não se restringindo apenas ao aprender a fazer. Esta reflexão, conforme nos apresenta o documento, deve se estender a outras dimensões da cultura corporal, para citar alguns exemplos temos padrões de beleza impostos pela mídia, conceitos de saúde, toda e qualquer forma de discriminação presente na sociedade.

Estamos em busca de uma nova referência para a Educação Física escolar, pois procuramos formar o aluno que tenha condições de conquistar a sua autonomia, que possa ter realmente uma participação efetiva na sociedade que está inserido, mas de uma forma que não direcione os objetivos exclusivamente para si, e sim procure refletir e agir para uma melhora do coletivo, para tanto há necessidade que o aluno durante as aulas, deixe de ser um receptor de conteúdos, para ser também, um dos construtores do seu processo educacional.

Betti (1999), ao escrever sobre a relação da cidadania e da Educação Física, destaca que não é o fato da Educação Física constar na legislação como disciplina escolar, que garantirá a todos terem acesso ao seu conteúdo. Ou seja, para o autor, depende do professor, se realmente os alunos entrarão em contato com o conhecimento da área, pois ela pode estar na grade curricular e ser destinada a apenas determinados alunos e/ou apresentar conteúdos reduzidos, impossibilitando que na prática escolar a Educação Física

aconteça de uma forma que direcione o aluno à conquista de sua cidadania. Para que isto ocorra, Betti (1999) aponta para a necessidade de três princípios: princípio da inclusão, princípio da alteridade e princípio da formação e informação plenas. O princípio da inclusão vem de encontro com o que os Parâmetros Curriculares da Educação Física tem como eixo principal, ou seja, não basta que o aluno simplesmente freqüente a escola, ele tem que ter acesso ao conteúdo da disciplina, para tanto, a Educação Física não pode mais selecionar por habilidade ou constituição física qual aluno vai participar das atividades e o que ele irá realizar; cabe ao professor elaborar estratégias nas suas aulas que contemple a todos.

No princípio da alteridade, o autor defende a importância do professor olhar o aluno na sua totalidade, e não como mais um na sua lista. É comum, devido à quantidade de alunos que o professor tem contato no ambiente escolar (tanto em cada turma, como pelo elevado número de turmas), que ele não estabeleça a visão do aluno como único, e passe a tê-lo como mais um que pertence a determinado grupo (turma). Concordamos que nos defrontamos neste momento não só com a visão do professor perante o aluno, mas também, o que em muitas situações o levam a tratar os seus alunos como iguais, pois estamos diante de um problema político-educacional. Na verdade, o professor tem em cada classe um número excessivo de alunos, dificultando a qualidade da aula, da mesma forma que ele é obrigado a ter uma elevada quantidade de aulas, para poder obter um melhor salário. Não é nosso objetivo entrarmos neste mérito, porém sabemos que este problema atual apresenta-se como primordial para a má qualidade da educação.

Segundo o autor, o princípio da alteridade caracteriza-se pelo professor colocar-se no lugar do aluno, ou seja, procurar “ser o aluno”, possibilitando um procedimento dialético, no qual ele flutuará no papel de professor e de aluno, para enriquecimento do processo de ensino e aprendizagem.

Para o princípio da formação e informação plenas, o autor chama a atenção para a formação integral do aluno, tendo o cuidado para ter claro, que esta formação integral não se caracteriza pela soma das partes. Para que o princípio ocorra, procura-se estabelecer uma inter-relação entre as dimensões corporais, cognitivas e sócio-afetivas, portanto para cada conhecimento da área da Educação Física, o professor deverá utilizar uma abordagem teórico-prática, oferecendo aos alunos condições de futuras práticas autônomas de atividades físicas com qualidade. Citando o exemplo de Betti (1999), para o ensino da modalidade esportiva basquetebol:

Se o professor quer ensinar basquetebol, é preciso ensinar as habilidades específicas da modalidade, mas que precisam estar integradas às dimensões afetiva (é preciso aprender a gostar do basquetebol), cognitiva (por exemplo, compreender as regras como algo que torna o jogo possível, a organização e as possibilidades de acesso ao esporte em nosso meio) e social (aprender a organizar-se em grupo para jogar o basquetebol) (p.87).

Para o autor, a Educação Física, através destes três princípios, contribue para a construção de uma cidadania crítica, democrática e participativa, ou seja, estaria possibilitado aos alunos o conhecimento de uma diversidade de conteúdos dentro de uma cultura corporal de movimento, porém não direcionadas à exclusividade do aprender a fazer, mas essencialmente permitir uma reflexão crítica desse conhecimento e a ter possibilidade de uma nova construção.

### **Considerações Finais**

Com o homem modificando constantemente a cultura, teremos sempre novos conhecimentos sendo construídos, fazendo com que este processo cultural seja inacabável, e por conseqüência, infinito também se torna o que podemos estar aprendendo. A partir

dessa realidade, a escola enfrenta uma grande dificuldade, pois como delimitar os conteúdos a serem transmitidos aos alunos, e mais do que isso, como estabelecer um critério do que é fundamental e o que não seja tão importante para aprendizagem dos educandos, fazendo com que determinados assuntos sejam selecionados para serem trabalhados e outros sejam desprezados?

Bracht (2000) chama a atenção para o fato da escola não só realizar um selecionamento dos saberes, como também ela escolariza os saberes, fazendo com que estes passem por um processo que envolve aspectos didáticos e pedagógicos para melhor transmissão de seus conteúdos.

Em relação à disciplina de Educação Física no nosso país, não é difícil encontrarmos a razão pela qual ela enfatizou o esporte como um dos seus conteúdos principais. Depois de ser introduzido nas aulas de Educação Física no âmbito escolar, ele passou a ser a grande referência da Educação Física no país, com a chamada “época militar”, pois nesta fase as aulas tinham como objetivos o rendimento, a melhora da aptidão física, a detecção de talentos, para posteriormente representar o país em competições internacionais.

A partir da década de 80, quando surgiram novas propostas pedagógicas para a disciplina Educação Física, começaram os questionamentos sobre estas aulas exclusivamente esportivas.

Estas tendências pedagógicas, citando algumas como desenvolvimentista, construtivista, crítico-superadora, cultural, propuseram novos olhares para utilização do esporte no interior da escola.

Basicamente o esporte era abordado tendo o objetivo nele próprio, privilegiando aqueles que apresentavam melhores habilidades motoras nas modalidades esportivas, porém com a chegada destas novas abordagens, o esporte passou a ser identificado como um meio para uma melhor formação dos alunos.

Concordamos com Bracht (2000), quando ele destaca, que não devemos simplesmente excluir o esporte da Educação Física escolar, mas sim proporcionar um novo tratamento pedagógico, pois o fato de desenvolvê-lo de forma inadequada, não significa que ele não seja importante, ou que não haja formas mais apropriadas de sua utilização.

O autor sinaliza para alguns equívocos sobre a participação do esporte nas aulas de Educação Física. Destacando um deles, que é referente ao fato da crítica à forma que o esporte era trabalhado, passando a imagem que quem criticava o esporte estava contra a sua aplicação, construindo erroneamente a idéia de um grupo a favor e outro contra o esporte. Para uma melhor compreensão de que a crítica estava em cima da metodologia que era usada para o esporte e não sobre o fenômeno esporte propriamente dito, observamos as palavras do autor:

A negação do esporte não vai no sentido de aboli-lo ou fazê-lo desaparecer ou então, negá-lo como conteúdo das aulas de EF. Ao contrário, se pretendemos modificá-lo é preciso exatamente o oposto, é preciso tratá-lo pedagogicamente (BRACHT, 2000, p.19).

Com isso o autor procura deixar claro que a idéia não é a retirada deste conteúdo, mas sim abordá-lo diferentemente do que acontecia na época esportivista.

Outro equívoco levantado por Bracht (2000), que gostaríamos de apontar, é o mal entendido de que quando se critica a maneira do esporte ser implementado, pretende-se a substituição da realização de movimentos pela reflexão. O que se defende não é a troca de uma coisa pela outra, mas sim a necessidade de uma reflexão sobre a própria prática dos

movimentos, ou seja, não basta mais o professor dirigir as atividades na aula para que os alunos apenas reproduzam gestos esportivos, há necessidade do entendimento destas ações, buscar as suas origens, entender as suas evoluções, compreender o atual momento, e até ter condições de transformá-la, contudo isso só acontecerá se as aulas possibilitarem tais reflexões.

Quando elegemos a cultura corporal de movimento, como aspecto fundamental da Educação Física escolar, temos que ter evidente que não conseguiremos abordar todas as possibilidades desta cultura, porém podemos apontar que o esporte é uma das mais importantes manifestações culturais. Obviamente ele irá aparecer de maneiras variadas em diferentes regiões do país, sendo determinadas modalidades esportivas predominantes em um local e não em outro, porém o fenômeno sócio-cultural esporte estará constantemente presente. Podemos tê-lo como um verdadeiro patrimônio da humanidade, e para tanto se torna essencial a disseminação de seu conhecimento no interior da escola, mais especificamente nas aulas de Educação Física.

Martins (2005) mostra-nos que para haver interação entre as pessoas, temos que ter um significado. Isto nos revela que não basta à escola produzir conhecimento para posteriormente transportá-lo para a sociedade. O ponto inicial deve ser outro, primeiramente a escola precisa identificar quais as necessidades da sociedade, posteriormente produzir um conhecimento, e retornar à sociedade. Neste aspecto, temos o esporte permeando constantemente a vida da população, portanto mais uma vez podemos afirmar que este conteúdo é de grande interesse para os educandos.

Porém, não podemos admitir apenas tratar este conteúdo pelo fazer, não há mais espaço para a Educação Física retornar o que era característico de suas aulas entre o começo da década de 60 até o início da década de 80, sendo voltada para o esporte de rendimento.

Torna-se imprescindível um tratamento pedagógico, que lhe atribua um valor de maior qualidade para os alunos, sempre valorizando e possibilitando a participação de todos nas atividades, independente de níveis de habilidades ou diferenças de constituições físicas, como também propiciando à reflexão, através de um trabalho que evidencie aspectos conceituais das modalidades esportivas, e saber utilizá-las para uma melhora nos comportamentos e atitudes de nossos alunos.

Acreditamos que há possibilidade de uma pedagogia direcionada para a cidadania, porém esta só irá se concretizar, caso a escola seja um espaço democrático. Ao elegermos a cultura corporal de movimento como referência para a Educação Física escolar, temos que garantir a todos, o acesso a essa cultura, propiciando ao aluno condições de conhecê-la, reproduzi-la, reconstruí-la e transformá-la. Sendo o esporte um dos conteúdos desta Educação Física escolar, torna-se fundamental oferecer um tratamento pedagógico adequado, pois caberá ao profissional identificar e apresentar aos alunos variadas possibilidades de aplicação. Precisamos definitivamente excluir da Educação Física escolar a simples reprodução de gestos esportivos, passando a ter o esporte como um forte instrumento pedagógico, formando cidadãos que reflitam sobre os valores e atitudes.

Apresenta-se de forma essencial que o profissional de Educação Física quando estiver trabalhando com o conteúdo esporte, propicie aos alunos condições de vivenciá-lo, não descartando a importância do aprender a realizar movimentos e gestos característicos das modalidades esportivas, porém ele não deve se restringir apenas a saber fazer. É importante que o esporte receba também uma atenção especial quanto aos seus procedimentos conceituais, abrangendo origem, evolução, alterações. Da mesma forma que o professor não poderá deixar de aproveitar o fenômeno esporte para abordar procedimentos atitudinais, procurando sensibilizar os alunos através de reflexões e

discussões para assumirem determinados comportamentos perante a sociedade, como os de participação, cooperação, comprometimento, responsabilidade, respeito, honestidade, etc.

O que estamos procurando enfatizar é o fato do esporte apresentar características muito ricas a serem exploradas pelos profissionais da área de Educação Física escolar. Não podemos mais ficar restritos apenas a transmitir aos alunos o saber fazer determinados movimentos, e ainda assim privilegiando os que apresentam certas facilidades, mas sim oferecer condições que todos, independente das diferenças, possam ser possibilitados de aprender o conteúdo esporte nas aulas de Educação Física, sob o aspecto da abordagem em saber o que está sendo desenvolvido através da dimensão conceitual, aprender a saber fazer pela dimensão procedimental, refletir e agir sobre como se deve ser com a dimensão atitudinal.

### Referencial Bibliográfico

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1978.

BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

\_\_\_\_\_. **Educação Física, esporte e cidadania**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.16, nº 1, p.14-21, 1994.

BRACHT, V. **A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física**. Caderno Cedes, ano XIX, nº 48, p.69-89, agosto 1999.

\_\_\_\_\_. **Esporte na escola e esporte de rendimento**. Revista Movimento, nº 12, v. IV, p. XIV-XXIV, 2000/2001.

BRASIL – Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Educação Física, Terceiro e Quarto Ciclos**. 1998.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CRUM, B. **A crise de identidade da Educação Física. Ensinar ou não ser, eis a questão**. Boletim SPEF, nº 7/8, p.133-148, 1993.

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

KORSAKAS, P. O. **Esporte Infantil: As Possibilidades de uma Prática Educativa**. In: ROSE JR., D. de; et al. **Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2002, p.39-49.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1985.

MARTINS, J. S. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Hucitec, 2005, p.55-64.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª edição. São Paulo: Atlas, 2003.

PALMA FILHO, J. C. **Cidadania e Educação**. Caderno de Pesquisa, nº 104, p.101-121, 1998.

PAES, R. R. **A pedagogia do esporte e os jogos coletivos**. In: ROSE JR., D. de; et al. **Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2002, p.89-98.



TOURAINÉ, A. **Podemos viver juntos? Iguais e diferentes**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TUBINO, M. J. G. **Uma Visão Paradigmática das Perspectivas do Esporte para o Início do Século XXI**. In: GEBARA, A. [et al]; MOREIRA, W. W. (Org.). **Educação física & esportes: Perspectivas para o século XXI**. 9ª edição. Campinas: Papyrus, 2002, p.125-139.

---

### **Currículo**

---

#### **André Luís Ruggiero Barroso**

Graduado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (1990); Especialista em Pedagogia do Esporte Escolar – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (2004); Especialista em Ciências do Esporte - Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (1993). Mestrando em Pedagogia da Motricidade Humana - Educação Física Escolar. Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Rio Claro. Professor das Faculdades Metropolitanas Integradas de Campinas (METROCAMP) e Faculdade de Jaguariúna (FAJ)

#### **Suraya Cristina Darido**

Graduada em Educação Física pela Universidade de São Paulo (1984); Mestre em Educação Física, na Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo - SP, 1987-1991; Doutorado em Psicologia Escolar, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - SP, 1993-1997; Livre Docente pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/RC, em 2001.

---

#### **Endereço:**

#### **André Luís Ruggiero Barroso**

Endereço Rua Doutor José Ramos de Oliveira Júnior, 425. Bairro Vale das Garças.  
Campinas – SP. CEP: 13085-751.

**E-mail:** [al.barroso@uol.com.br](mailto:al.barroso@uol.com.br)